

# Ervas Medicinais na Tradição Iorubá e sua contribuição para a Cultura Brasileira

por Beatriz Matos Teixeira

## Introdução

Este texto aborda o uso de plantas e ervas para fins terapêuticos no contexto do sistema tradicional iorubá de medicina. Para iniciarmos este relato, é preciso entender que estamos falando de uma cosmopercepção de mundo completamente diferente da nossa ocidental. Considerando, por exemplo, que os africanos acreditam na circularidade do tempo e, portanto, da vida, diferente da nossa visão ocidental de enxergar a vida com uma finitude. Para os africanos, esse ciclo, sempre se renova.

Falar sobre o povo Iorubá é falar sobre ancestralidade, pois para eles a oralidade é o canal onde passa de geração em geração as histórias, mitos e vivências para que tudo possa permanecer vivo nessa cultura e resistindo através do tempo, com suas bagagens de vida.

Tudo está conectado, existe uma interação entre o homem, a natureza e o espiritual. Onde através da observação da natureza e a interação com o mundo espiritual, criaram a divisão das ervas, para infinitos tratamentos, a partir dos 4 elementos, entre elas, são: folhas da água, folhas da terra, folhas do fogo e folhas do ar. Lembrando que para os tratamentos, os Iorubás não se restringem em utilizar apenas ervas e sim de todos os componentes da natureza.

## O cuidado por meio das ervas na tradição Iorubá

O cuidado em saúde era compartilhado entre diferentes especialidades. Cada especialidade tem um nome específico. Uma mesma pessoa pode exercer mais de uma especialidade, mas dificilmente exercerá todas elas. Quando alguém precisa de um atendimento, ela procura uma dessas especialidades. Uma delas é a consulta oracular para saber do estado da pessoa e para saber o que pode ser feito em seu benefício. Um exemplo de sistema de consulta oracular é o Ifá. Por este sistema, o médico tradicional (Babalawô, que pode ser traduzido como especialista no segredo, existindo homens e mulheres com esse título, pelo menos na Nigéria. Aqui no Brasil se difundiu um entendimento de que somente homens podem assim ser chamados, já que baba também pode ser traduzido como pai) consulta Ifá que indicará a melhor medicação com os elementos da natureza para o seu tratamento em específico, pois o remédio que cura um indivíduo, poderia ser prejudicial a outro. Depende da pessoa e da fórmula de encantamento, pois uma mesma planta pode ser nomeada e encantada para distintas finalidades.

Existe também o Oniségun, portador dos segredos da medicina tradicional e do uso da maioria dos elementos físicos presentes na floresta. Possui um grande conhecimento sobre cada elemento presente nas ervas e suas atribuições, onde a aprendizagem é passada de forma comunitária e ampliada à medida que se entra em contato com o mundo espiritual. É necessário que, a partir do preparo das ervas, mantenha o contato com o mundo espiritual, para que o consulente receba todas as bênçãos do mundo ancestral para a sua melhora.

Na tradição para ser um Oniségun (uma das denominações das especialidades do ofício médico/curandeiro, talvez o nome que poderia se referir a esse ofício no geral), só poderia atuar os homens, as mulheres até podem atuar também, porém elas só conseguirão quando se tornarem anciãs, pois nessa cultura, o ciclo menstrual tem a ver com a circulação de poder, de força de vida e durante a menstruação essa força estaria descontrolada. Por isso, nessa tradição, somente após a menopausa é que mulheres exerciam este ofício. “Para ter uma idéia nítida da concepção dos poderes femininos na cultura Yorùbá, acredita-se que o sangramento mensal de mulheres é considerado como uma fonte poder e mulher no seu período de menstruação pode deixar qualquer medicina tradicional ou até feitiço impotente” (Akínrúli, 2011, p.4).

A questão de gênero da cultura Iorubá é um fator determinante para dizer o papel em que a pessoa atuará na sociedade. Existe um poder chamado “Àjé”, de característica feminina e de dimensão cósmica e física, relacionado à realização e abundância que se encarna no corpo da mulher. A agência feminina, especialmente nos mercados, está relacionada ao que representa esta força para a sociedade iorubá que, mesmo hoje, depois da invasão islâmica, cristã, e da colonização capitalista ocidental, ainda encontra na sua cosmopercepção originária, e nos mitos a ela associados, elementos fundantes das formas de sua organização em sociedade. Neste sentido, a mulher, detentora desse poder, é capaz de participar e contribuir em diversos campos em sua comunidade, assim como na manipulação das ervas de Ossain (divindade da fauna e da flora, grande conhecedor das ervas para transformá-las em poções curativas). É capaz, também, de ser uma grande mãe, não só de seus filhos, mas de toda a comunidade. A mulher, na maioria das vezes, é o maior sustento de sua família. A família tem centralidade na mulher. Elas atuam também nas feiras como negociantes, como vendedoras, como erveiras (onde com o seu grande conhecimento das ervas e elementos da natureza no geral, ela sabe vender seus produtos como ninguém).

### **A cultura Iorubá atualmente**

Para entendermos o que se passa na cultura Iorubá atualmente, primeiro é preciso saber que existe diferença entre: Sistemas Tradicionais Africanos de Medicina e a atual Medicina Tradicional Africana. O que vimos falando até então, é desse Sistema Tradicional, que inclui a manipulação das ervas sempre associado ao encantamento e ao contato com os ancestrais para curar as enfermidades do corpo e do espírito.

Já a proposta da Medicina Tradicional Africana passa por uma releitura ocidental dos sistemas tradicionais, tanto que as iniciativas encabeçadas pela Organização Mundial de Saúde, no sentido de reconhecer e fortalecer a Medicina Tradicional Africana e avançar em políticas específicas para sua utilização e disseminação, passam pela realização de estudos científicos

(pelos métodos do ocidente) sobre princípios ativos e de validação de suas propriedades terapêuticas. Existe diferença do uso de ervas e plantas pela fitoterapia do seu uso pelos sistemas tradicionais de medicina e a principal está no encantamento, presente nos sistemas tradicionais e ausente na fitoterapia. Se nos estudos realizados o foco é apenas no potencial terapêutico de princípios ativos, estaríamos fazendo com que a Medicina Tradicional Africana se distanciasse dos Sistemas Tradicionais de Medicina, reduzindo tecnologias muito complexas de cuidado ao âmbito da fitoterapia.

Com a entrada da medicina ortodoxa ocidental à Nigéria, tomando força em hospitais, os curandeiros da cidade foram perdendo espaço e sendo desacreditados perante a sociedade capitalista nigeriana, aculturada na matriz civilizatória do ocidente, especialmente nas grandes cidades, embora a maior parte da população, especialmente a população pobre dos centros urbanos e as comunidades mais afastadas e as tradicionais, encontrem nos sistemas tradicionais as principais tecnologias de cuidado em saúde. Sendo que a proposta da Medicina Tradicional Africana envolve pesquisadores africanos, e sendo legítimo o desejo de valorizar e incluir aos sistemas formais de cuidado essa forma de cuidado tradicional em saúde, é necessário pensar os caminhos que estão sendo desenhados, inclusive para garantir que curandeiros/médicos tradicionais, formados e validados em comunidade, não encontrem dificuldades de realização de seus ofícios e que seus saberes não sejam apenas apropriados pelas profissões de cuidado reconhecidas pelo Ocidente.

### **A chegada dessa cultura no Brasil**

Quando aconteceu a diáspora dos povos africanos para o Brasil pela escravização, para que suas raízes não fossem apagadas pelo colonialismo, eles praticavam sua cultura de forma escondida, faziam suas reuniões para cultuarem os seus deuses, cantavam e dançavam, mas também praticavam sua magia através do encantamento das ervas medicinais, para curar seus irmãos enfermos.

No século XVIII, essa prática de saúde cultuada, foi chamada pela sociedade branca eurocidental de Candonga, Milonga e Feitiçaria. Já no século XIX, foi chamada de Charlatanismo, Curandeirismo e Bruxaria. Isso nada mais é do que formas de difamar uma cultura preta, onde querem apagar suas memórias ditas como imorais e impor a sua, taxada como a verdade absoluta.

Sendo que, apesar de insultarem esses povos tidos como “inferiores”, o seu conhecimento sobre a propriedade das ervas foi apossado por médicos e padres católicos da época, que podiam exercer livremente esses saberes. Inclusive da chamada homeopatia, algo que era até anunciado nos jornais como forma eficaz de tratamento das doenças; porém, quando essa mesma “homeopatia” era feita pelos povos africanos, houve uma demonização da sua cosmovisão, por estar em contato com o mundo espiritual.

## A resistência no Brasil

Apesar de toda violência sofrida do povo afrobrasileiro durante séculos, suas tecnologias continuam vivas, sendo elas conhecidas e praticadas, por exemplo, em terreiros de matriz afroindígena. Nos terreiros de candomblé de matriz (nação) yorubá, são os Babalorixás e as Ialorixás as principais representantes desse legado e executoras de tais tecnologias; são o grande alicerce da casa, papel que no passado era feito em sua maioria por mulheres, a grande mãe que cuidava de todos como filhos, cuida e cura suas dores físicas e espirituais, cultivam a resistência através da religiosidade, onde cuidam do corpo (Ara), do Orí (cabeça), da comunidade e de seus orixás. Nesses terreiros também temos o Olósányìn (iniciado de Ossain), para que seus conhecimentos sobre as ervas possam ajudar a tratar e até curar queixas de quem procura o terreiro.

Além dos terreiros, este cuidado pode ser encontrado nas favelas e periferias, no interior do Brasil, onde se encontram os Griôs, os grandes sábios que possuem muito conhecimento, conhecem e contam muitas histórias e experiências de vida. Também temos os erveiros, rezadores e benzedeiros que cuidam de toda uma comunidade, com suas rezas e ervas para banhos e chás.

Por mais que haja a desvalorização, devemos exaltar essa cultura que resiste às investidas colonialistas de apagamento. Ela tem importância não apenas cultural, mas também social, visto que, assim como na África, muitas pessoas e comunidades recorrem a esse conhecimento por vários motivos, especialmente as mais carentes e aquelas à margem do direito à cidade.

## Conclusão

A medicina que foi institucionalizada no Brasil, ela foi pautada por fundamentos trazidos de fora, da matriz civilizatória ocidental, marcada por um conhecimento euro-estadunidense e pelos modos de vida associados. Mas temos que dizer que não é somente essa medicina ortodoxa ocidental que temos. O embranquecimento não irá apagar o legado das culturas que resistem no nosso país, pois sua cultura ancestral resiste além do tempo, são elas a cultura africana e a indígena, duas grandes raízes deste país que transformaram a identidade brasileira de cuidado que temos atualmente, pelo menos no que se refere a cultura popular de cuidado em saúde.

Pois assim como diz o símbolo Adinkra “Sankofa” que é preciso olhar para o passado e resgatar o que ficou, e seguir em frente para um futuro melhor. Para concluir, deixo a seguinte frase em Iorubá: “*Ewé Gbogbo Ní T’Ségun*” (Todas as folhas têm o poder de curar).

## Referências

AKÍNURÚLÍ, Olúségun Michael. Gèlèdé: o poder feminino na cultura africana-yorubá. *Revista África e Africanidades*, Ano III, n. 12, fev. 2011. ISSN 1983-2354.

ALVES, Miriam Cristine; SILVA, Ana Paula; DIAS, Raquel; LAMPAZZI, Priscilla; PORTILHO, Kaká. **Matripotência e Mulheres Olùsò: Memória Ancestral e a Anunciação de novos Imaginários**. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2021.

BARROS, José Flavio; NAPOLEÃO, Eduardo. **Ewé Òrìsà: Uso Litúrgico e Terapêuticos dos Vegetais nas casas de Candomblé Jêje-Nagô**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 2007.

MEU CORAÇÃO AFRICANO. **Osanyin: A Essência e os Segredos da Vida na Floresta**. Disponível em: <https://www.meucoracaoafricano.com/post/osanyin-a-ess%C3%Aancia-e-os-segredos-da-vida-na-floresta>. Acesso em: 10 jul. 2023.

PEREIRA, Carlos Alexandre; PORTILHO, Kaká; SANTOS, Terezinha de Jesus. **Dos Sistemas Tradicionais Africanos de Medicina à Medicina Tradicional Africana: O Cenário Atual e a Regulamentação e Fora do Continente Africano**. III Seminário Internacional Áfricas. Grupo Africas, Rio de Janeiro, 2022.

PEREIRA, Carlos Alexandre. **Sistemas Tradicionais Africanos de Medicina e seu Legado à Cultura Brasileira**. Kwanissa, 2020.

REIS, João José. **O Candomblé na Bahia do século 19**. [S. l.: s. n.], 2005.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi, SALAMI, Sikiru, DIAZ, Ricardo Borys Córdova. Por uma psicoterapia inspirada nas sabedorias negro-africana e antropológica. In: ANGERAMI, Valdemar Augusto – Camón (org.) **Espiritualidade e Prática Clínica**. São Paulo: Ed. Thomson, 2004, pp 85-110. ISBN 85-221-0420-4

RIBEIRO, Ronilda Lyakemi. **Almas Africanas no Brasil: Os Iorubás**. São Paulo: Oduduwa, 1996.

SILVA, Claudio Francisco. **Arquitetura e Iconografia no Oduduwa Templo dos Orixás: Monangá - Tempo Presente**. Brasília: [s. n.], 2020.

SOUZA, Adriana Maria. **Práticas de Cura: Saberes de Africanos e Afro-Brasileiros em Desterro (SC) na Segunda Metade do Século XIX**. 2017. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.



Oferenda.  
Por Bitta Bardo.